

Ode a Maria Quitéria¹⁻²Adalício Nogueira³

Fulgiu-te a luz da vida, intrépida
heroína,
Na terra onde o Paraguaçu empola as
vagas...
E houveste o gênio heril, de fibra
masculina,
E houveste o coração, ó guerreira
leonina,
Do rude coração aspérrima das fragas!

Alto, o clarim da guerra, em notas
estridentes,
Tocava o reunir... E de todos os lados,
Acudindo, a granel, de todas as
vertentes,
Como enxames de heróis, sobressaltando
as gentes,
Desciam turbilhões de impávidos
soldados!

-
- 1 Recitada pelo autor no dia 7 de Setembro de 1922, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em sessão comemorativa do Centenário da Independência.
 - 2 NOGUEIRA, Adalício. Edição comemorativa de centenário de nascimento de Adalício Nogueira. Prefácio de Consuelo Pondé de Sena; seleção e organização de Lizir Arcanjo Alves. Salvador: Família Nogueira, 2002.
 - 3 Graduado pela Faculdade de Direito da Bahia em 1924. Promotor público entre 1924 e 1929. Juiz de Direito em 1929. Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia em 1944. Prefeito de Salvador entre fevereiro de 1945 e fevereiro de 1946. Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia entre 1950 e 1954. Presidente do Tribunal de Justiça da Bahia entre 1962 e 1963, ocasião em que ocupou interinamente o cargo de Governador do Estado por três meses, durante a ausência do titular Juraci Magalhães. Ministro do Supremo Tribunal Federal entre novembro de 1965 e 1972. Membro da Academia Baiana de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Faleceu em 31 de agosto de 1990.

Era que despertara a paz daquelas grotas
O grito da mãe-pátria, o maternal
clamor,
Profundo, a reboar n'alma dos patriotas,
Acordando o torpor das regiões remotas,
Qual soturno rufar de longinquo tambor!

E tu, rebelde a tudo, indômita e
altaneira,
Ó Maria Quitéria,
Tu trocaste o remanso e os ócios da
lareira
No alarido infernal, na sanha carniceira
Da batalha funérea!

Que fada te inspirou denodo semelhante?
Quem n'alma te incrustou tão nobre
sentimento?
Tu, flexível mulher, transformada em
gigante,
Isenta de pavor, correste, em dado
instante,
À voragem minaz do pugilato cruento!

Não te apraziam mais as carícias, o
afago
E os beijos paternos ungidos de candura?
Não te aprazia mais, sereno como um
lago,
Fitar o céu natal, desabrochando, mago,
Em grinaldas de sóis, na funda noite
escura?

Não te agradava o olhar, nas intrincadas
tramas
Dos verdes matagais, pascer as ledas
vistas?

Escutar a canção dos pássaros nas ramas
E ver, depois, além, na agonia das
chamas,
Desmaiar o astro-rei nas solitárias
cristas?

Não te era mais suave ouvir as claras
fontes
A cantar, refrescando as veigas
perfumadas?
E após, doirando ao longe o cabeço dos
montes,
Ver no cálix de luz dos vastos
horizontes
Desabotoar a flor das mansas alvoradas?

Não! Porque tu deixaste o sossego e o
conforto
Pelo martírio acerbo e as urzes da
campanha!
É que tinhas na Pátria o pensamento
absorto...
Que te importava olhar, ensangüentado, o
morto
Rolar, tendo uma lança embebida na
entranha?

Amavas o bramir dos brutos canhões de
aço
E o vivo lampejar das frias baionetas
Lutavas, sem temor, sorrindo, a cada
passo,
Entre o fumo que, denso, enegrecia o
espaço
Como um corvo feral de enormes asas
pretas!

E quem não se ufanara ao ver-te,
gloriosa,
Nos campos de Cabrito,
Como entre o furacão, imaculada rosa,
Que não murcha, no horror da fúria
tenebrosa,
Anjo, mulher ou mito!

Quem não sentira n'alma o ardor do
entusiasmo
Ao ver-te em Pirajá,
Cheia de impavidez, causando assombro e
pasma,
Encarando o inimigo ousado com sarcasmo,
Tranqüila, na peleja horripilante e má!

Quem não estremecera ao ver-te,
laureada,
Entrando, vitoriosa, as portas da Bahia,
Ao clangor dos clarins, nobre e
transfigurada,
Pelas *servas de Deus*, de flores coroada,
Por que, até sob o claustro, o
patriotismo ardia?

Em vão por te exaltar meu débil peito
brade,
Nume augusto da Pátria ó! nume doce e
amigo...
Mas em nome de cem anos de liberdade,
Em nome do civismo e da heroicidade,
Mulher, eu te bendigo!

Salvador, setembro de 1922